



PSICANÁLISE,  
EDUCAÇÃO  
E CULTURA

# DIÁLOGOS (IM) POSSÍVEIS

JAIRO CARIOCA  
RONALD LOPES

(ORGANIZADORES)

contra o  
VENTO

# CULTURA POP & TEOLOGIA

JAIRO CARIOCA DE OLIVEIRA  
RONALD LOPES  
*(organizadores)*

DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS  
*psicanálise, educação e cultura*



## Diálogos (im)possíveis

Copyright © 2025 Contra o Vento.

Contra o Vento é uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Jairo Carioca de Oliveira & Ronald Lopes.

ISBN: 978-65-83604-76-7

*Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A95c

Diálogos (im)possíveis : psicanálise, educação e cultura / Jairo Carioca de Oliveira e Ronald Lopes – organizadores. – 1. ed. Rio de Janeiro : Editora Contra o Vento, 2025

258 p.

ePub

ISBN 978-65-83604-76-7

1. Psicologia aplicada – Psicanálise. 2. Educação. 3. Cultura 4. Subjetividade 5. Interseccionalidade. 6. Formação analítica I. Oliveira, Jairo Carioca de. II. Lopes, Ronald. III. Título .

CDD 158.2

*Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.*

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Eduardo de Proença

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Gerência Marketing:** Andréa Guatiello

**Revisão:** Cláudia Montico

**Diagramação:** Luana Vulcano

**Capa:** Victoria Cristina Eduardo

**Livro Digital:** Cumbuca Studio



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial  
do Jacaré

CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

**www.altabooks.com.br** —

altabooks@altabooks.com.br

**Ouvidoria:** ouvidoria@altabooks.com.br



7. Torções psicanalíticas e debates sobre a criatividade na cultura contemporânea  
*Daniel Kravitz*  
*Bernadete Bittencourt*

## **FEMININO E FEMINISMOS**

8. Um dos nomes do estranho familiar: o feminino  
*Gilda Pitombo*
9. O gozo das feiticeiras: uma discussão sobre o feminino no discurso patriarcal  
*Fabiana Louro*
10. Sexlife: o feminino e o controle do patriarcado – uma crítica a partir da psicanálise  
*Antônia Valéria Ferreira Fernandes*  
*Claudia Freitas*  
*Joana Glecy Messias Da Silva Ferreira*

## **PSICANÁLISE: FORMAÇÃO E TRANSMISSÃO**

11. A formação do psicanalista: impasses e (im)possibilidades  
*Paula Sucena*  
*Larissa Gomes Ornelas Pedott*
12. A formação do analista por recortes de Freud, Ferenczi e Lacan  
*Joel Lopes*

## **RELATOS CLÍNICOS: VIOLÊNCIAS E DESAFIOS**

13. Violências c(l)ínicas...  
*Ana Bernardes*
14. O luto antecipado na instância da letra  
*Gabriele Rodrigues*
15. A cartografia de uma experiência em movimento  
*Aline Souza dos Anjos Fagundes*
16. A película psicanalítica: um retrato pessoal de transformação  
*Daniel da Costa Reis*
17. Ambiguidades amorosas: diálogos conflituosos entre pai e filho

## 7. Torções psicanalíticas e debates sobre a criatividade na cultura contemporânea

*Daniel Kravitz*<sup>1</sup>

*Bernadete Bittencourt*<sup>2</sup>

Percebi que ele nunca tocaria o instrumento de verdade, nunca se divertiria; tudo seria ensaio. Isso não é bom. Se não há alegria em tocar, não é bom. É melhor tentar outra coisa, onde os mananciais de talentos sejam mais ricos e o quociente de diversão seja mais alto [...] quando alguém encontra algo em que seja talentoso, a pessoa faz aquilo (seja o que for) até os dedos sangrarem ou os olhos quase caírem das órbitas. Mesmo quando não há ninguém ouvindo (ou lendo, ou assistindo), todo esforço é digno de aplausos, porque a pessoa, como criadora, está feliz. Quem sabe até em êxtase (Stephen King, 2015, p. 130).

No contexto de uma cultura que aplaude a inovação, este capítulo busca abordar a relação frequentemente problemática que as pessoas podem ter com a criatividade. Viver, em si, para Winnicott (2019) e Rubin (2023), é criatividade. Um *en passant* errante. Nesse contexto, inúmeras pessoas podem levar uma vida satisfatória, realizarem trabalhos comuns ou excepcionais, porém podem possuir um senso de realidade frágil. O que estou chamando de Sujeito criativo, aqui, será tratado sem adentrar nas criações ou invenções, modo de encarar comum da psicologia ou da economia ou de qualquer outra ciência social. Em nossa visão, é o Sujeito, em suas relações com os mundos, que *tornam a vida criativa*.

Segundo Freud, “as fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças” (Freud, 1908, p. 151). Dito de outro modo, um modo de estar doente é com a falta de contato com o mundo subjetivo e suas formas de abordagem da realidade concreta (Freud, 1908; Winnicott, 2019). Assim, pretende-se realizar uma espécie de provocação, um ponto de partida para discussão.

Atualmente, a filosofia está preocupada, na visão crítica de Alain Badiou (2022), com o comportamento moral dos atores. A crítica de Lacan ao discurso do mestre, que circula na Universidade e no mundo hegemônico em sua derivação, o discurso capitalista (Quinet, 2021), habita o discurso de “corrupção

da juventude” em face dos valores do saber, da carreira, da moral, da família, da ordem, da democracia e do capitalismo (Badiou, 2022). É nesse contexto que o ato de criação é um empuxo do sujeito angustiado ao vazio da Coisa, *Das Ding*. Se trata de um vazio que efetiva a posição do sujeito diante de algo incompleto; algo amorfo que circula entre o privado e o público, realidade objetiva e subjetiva. A insuportável inexistência de um objeto último convoca o sujeito, em seu desejo, ao ato de criação: criar um objeto que nunca o satisfará.

Isso tudo conduz para diversas nuances do indivíduo, do sujeito/Sujeito criativo e algumas facetas do fenômeno da criatividade, esse impulso criativo, nas palavras de Winnicott (2019). Não se pretende oferecer uma resposta pronta, uma resposta final, tampouco descrever todo o fenômeno da criatividade e do *dito* Sujeito Criativo. O questionamento que permeará o presente trabalho decorre do Sujeito criativo como produtor de objetos para o consumo em fantasias destinadas à insuportabilidade da realidade, ou do diferente, o semelhante não criativo. Nosso salto no escuro, em reverência a Kierkegaard, será uma analogia ao escrito *Anábise*, de Xenofonte, em uma “livre invenção de uma errância que *posteriormente será* uma volta, uma volta que, antes da errância, não existia como caminho-de-volta” (Badiou, 2007, p. 131).

Logo, não se trata de atribuir um sentido imutável ao Sujeito, tampouco à inventividade ou às criações. Longe disso. Sequer atribuiremos um sentido definitivo ao que seja o contemporâneo, ou a cultura, ou mesmo, como se refere Alain Badiou sobre a suposição da psicanálise como sendo um “dispositivo de opinião endossado por práticas institucionais” (Badiou, 2022, p. 68). O ponto futuro que esperamos atingir, mesmo que parcialmente, haja vista a envergadura da empreitada, é o sentido à vida em seus dilemas para o indivíduo por meio de uma vida criativa.

## **CRIATIVIDADE, O VIVER E O SUJEITO**

É importante ressaltar que, por criatividade, entendemos expressão estética, incluindo teatro, literatura, artes visuais etc. Porém, também estamos nos referindo ao processo criativo mais nebuloso durante o qual transformações ocorrem, bem como aos atos da vida cotidiana, tais como conversar, cantar, cozinhar etc. Frequentemente, está relacionada a crianças e a um estado “natural”, um estado livre de inibições, controles e respostas socialmente condicionadas. Observa-se que a teoria da criatividade de Winnicott é diferente daquelas de Freud e Klein, pois ele coloca as raízes da criatividade no início da

vida e no coração do relacionamento mãe-bebê. Resumidamente, para Freud a criatividade no adulto está ligada à sua teoria de sublimação, e para Melanie Klein, a criatividade está associada aos aspectos reparadores de sua teoria da posição depressiva (que ocorre algumas semanas ou meses após o nascimento). Assim, para Winnicott, por exemplo, diz que a criatividade seria um “retornar à experiência infantil”, visto que oferece um espaço onde uma pessoa pode (re)fazer seu mundo.

A criação está no brincar. Para Winnicott (2019) é no ato de brincar que o indivíduo, seja uma criança ou um adulto, pode utilizar sua personalidade integral, ou seja, ser criativo e descobrir o Eu (*self*). Ora, “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 2019). Assim, uma obra criativa, o livro, não serve apenas ao ler pelo ler - como crítica, como tantos, Schopenhauer - é a extração de uma incitação ao movimento: o agir. Nietzsche (2008) exalta essa qualidade do ser humano em “Genealogia da Moral”: o agir é tudo. Proust critica a leitura passiva; exige o exercício da vontade com a leitura servindo de iniciação. Ora, “na busca do eu (*self*), a pessoa interessada pode ter produzido algo valioso em termos de arte, mas um artista bem-sucedido pode ser universalmente aclamado e, no entanto, ter fracassado na tentativa de encontrar o eu (*self*) que está procurando” (Winnicott, 2019). A criatividade é, então, o fazer que surge do ser, diz Winnicott (1990, p. 39); constitui um indicador de que aquele que *é, está vivo*. Assim, para ele, o impulso pode estar em repouso, mas quando a palavra “fazer” se torna apropriada, então já existe criatividade.

Assim, a criatividade é a retenção ao longo da vida de algo que pertence propriamente à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo (Winnicott, 1990, 2019). Para tanto, não é necessário estar envolvido em qualquer criação artística, pois uma vida criativa não prescinde de qualquer talento especial. Para Winnicott o *self*,

não pode ser realmente encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções sejam em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista (seja no campo que for) está buscando o *self*, pode-se então dizer que com toda a probabilidade já existe certo fracasso para esse artista em termos do viver criativo em geral. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do *self* (Winnicott, 1971, p. 81).

“Vamos brincar?” é um convite normal na infância de qualquer um. Convite fundado no desejo das crianças em serem adultas mediante um sistema

psíquico fechado e destituído da vergonha de expor a fantasia aos adultos (Freud, 1908). Para GH, personagem de Clarice Lispector, “criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade” (Lispector, 2024, p. 19). As crianças conseguem distinguir seu mundo de brincar da realidade (Freud, 1908). Porém, a nostalgia do prazer da brincadeira se perde, muitas vezes, na austeridade da vida contemporânea que impede os adultos de revelarem suas fantasias, por serem infantis e proibidas. A seriedade da vida adulta é exposta por Freud (1908) e trabalhada por Winnicott (2019).

A escala de valores do discurso contemporâneo, naquilo que expõe Nils Skare (2016), é estruturado na ideia de que todos *podem e devem* ser criativos. As pessoas não estão acostumadas a serem criativas na cultura capitalista contemporânea, onde o industrialismo e o fordismo favoreceram o trabalho baseado em tarefas. Claro que sempre houve exceções à regra, e hoje a criatividade no setor comercial é mais prevalente; o setor público tem sido lento, mas também está se movendo nessa direção.

É um fato que, sob a perspectiva da psicopolítica neoliberal do *explorar-a-si-mesmo*, como constatada por Byung-Chul Han (2020), existe uma condução dos criativos a serem especuladores do mercado da criatividade: comprar ideias na baixa e vender na alta (Sternberg, Lubart, 1992). É importante notar que, no contexto do presente trabalho, a criatividade não é valorizada em si mesma, mas como uma tática estratégica em meio a política de inovação, social ou não. Noutro sentido, cabe observar que, em contrariedade da educação como um fim em si próprio e utilitarista para a vida, a educação invade a vida: é o saber, o fazer e o saber-fazer<sup>3</sup>. Ora, isso contrapõe a ideia essencial da arte, como exposta por René Magritte, da exposição do mistério e do infamiliar das coisas naturais-familiares. Esse imperativo de criar, sob o ponto de vista psicanalítico, pode ser compreendido como um ato de sublimação, ou seja, um ato de elevar um objeto qualquer à dignidade da Coisa (Lacan, 1959-60/1988).

O campo da psicologia da criatividade vem desenvolvendo perspectivas sistêmicas e socio genéticas. No ponto de vista socio genético, Ellis Paul Torrance (2008) realiza um ato de desconstrução do mito da criatividade como um dom inato e sedimenta propostas de desenvolvimento das habilidades criativas. Por outro lado, os trabalhos de Amabile (1983,1989), Csikszentmihalyi (2007), Vigostky (2009) e Glaveanu (2016) apresentam uma distinção ao inserirem o sujeito e o ambiente como fatores da criatividade. Teresa Amabile, dentre outros

aspectos, chama a atenção que elementos do indivíduo e do meio ambiente interferem na produção da criatividade. Mihaly Csikszentmihalyi desloca a essência do processo criativo da dimensão psicologia para a dimensão social.

Já Lev Vygostky, em outro sentido, apesar do fechamento a produção cultural russa do início do século, se tornou conhecida no Brasil a partir de 1990. Suas ideias de imaginação criativa pressupõe um sistema em que a capacidade de significação semiótica do sujeito potencializa as funções psicológicas do ato de criar. Para Vlad Petre Glaveanu, a criatividade derivaria da ação do sujeito criativo no mundo por meio de interações sociais, ou seja, o processo criativo “constitui-se junto a história do sujeito, em que a cultura e *self* se co-constroem em um processo semioticamente mediado, marcado pelo tempo irreversível, com aspectos dialógicos e dialéticos e distribuídos socialmente” (Neves-Pereira; Fleith, 2020, p. 12). Sujeitos que são subjetivações no mundo.

Winnicott (2019) observa que quando somos surpreendidos conosco mesmos, somos criativos. As pessoas, no entanto, não estão necessariamente acostumadas a ser criativas em suas vidas pessoais ou em seu trabalho. Alain Badiou (2018), ao se debruçar sobre a “metafísica da felicidade real”, convida-nos a contemplar/enfrentar nossa obra, nossos filhos, nossas criações. Sob esse aspecto, Safatle (2023) aponta que “a escrita do romance deveria ter outra função, a saber, escavar buracos, rodar em torno do que se recusa a narrar, implodir a primeira pessoa como foco de experiência e autenticidade”. Marcel Proust (2020), em outro sentido, afirma que, com os livros, não há amabilidades. Entre o pensamento do autor e o nosso, destituem-se os egoísmos. De modo interessante, sob um olhar do inconsciente, Proust (2020, p. 47) revelou que “as frases [de um autor] desenhavam a sua fisionomia, sem que ele percebesse; ora, se as palavras são escolhidas não por nosso pensamento segundo as afinidades de sua essência, mas por nosso desejo de nos retratarmos, ele representa esse desejo e não nos representa”. Ele destacou que a linguagem do livro é pura, refinada, transparente pela extração de tudo que era impróprio para se tornar a imagem fiel do autor: a força de sua personalidade ou os defeitos de seu espírito. Assim, o Ser criativo deveria, em tese, atingir a iluminação estética, portanto, entrar na criatividade é arriscar o fracasso. Por outro lado, a crescente profissionalização (ou mercantilização) da arte criou expectativas e padrões de criatividade que sugerem que ser menos do que excelente é fracassar.

Existe uma *de*-cisão por ser criativo? Atualmente existe um jogo entre a valorização crescente dos ativos intangíveis - como inteligência, criatividade,

afetividade -, e a manipulação crescente e violenta da esfera subjetiva (Han, 2017, 2020, 2022; Badiou, 2017, 2022). A raiz etimológica da palavra inteligência é derivada do latim. *Intelligentia* provém de *intelligere*. Decompondo o termo, obtemos o *inter* (entre) e *legere* (*escolher ou ler*)<sup>4</sup>. Na raiz do *significante*, está o *escolher entre ou ler entre*. Uma pessoa inteligente, num contexto de possibilidades, saberia escolher a melhor alternativa entre aquelas disponíveis (Han, 2020). A inteligência seguiria uma lógica da ordem de determinado sistema – um mundo, para Badiou (2022) – com o saber escolher a melhor alternativa entre várias, mas também saber ler dentro das coisas. Assim, existe um potencial criativo ao idiota (Han, 2020; Rosset, 1978, 2008), ou seja, nas palavras de Alain Badiou (2018), o Sujeito Fiel como acontecimento.

Ora, é importante destacar que viver é uma experiência única, idiota, em seu sentido de singularidade (Rosset, 1978), e uma experiência é uma descontinuidade que arranca e transforma a sujeição do Ser, pois ser sujeito é estar submetido (Han, 2020). Esse ser submetido, como afirma Marttila (2010) de maneira similar a Judith Butler e Ernesto Laclau, é separado na visão do filósofo francês Alain Badiou (2009), pois há o sujeito da estrutura (sujeição) e o sujeito do excesso da estrutura (subjetivização). Para Badiou (2009), devemos reservar o nome sujeito para aquilo que não pode ser inscrito no solo deslocado da repetição, exceto destrutivamente como o excesso sobre aquilo que o mantém no lugar. Assim, Alain Badiou (2009, 2018, 2022) considera que o sujeito existe apenas na medida em que altera a configuração estrutural existente. O sujeito nunca é interno, mas sempre externo à estrutura. Ou, dito de outro modo,

questão de vida ou de morte, a aposta, a escolha, a imperiosa decisão. O sujeito só existe nessa prova, e nenhuma felicidade é concebível se o indivíduo não ultrapassar o tecido das medíocres satisfações em que sua objetividade animal se mantém para tornar-se o Sujeito que ele é capaz de ser – e todo o indivíduo dispõe, mais ou menos secretamente, da capacidade de tornar-se Sujeito (Badiou, 2018, p. 47).

Se trata do confronto com o horror existencial, com a realidade. É, desse modo, voltando a Clarice Lispector, que a personagem GH retrata a impossibilidade de significar a realidade em palavras com significados correntes; algo próximo da antifilosofia: primeiro, a ordem, depois a verdade dessa ordem (Groys, 2013). O caso de Stig Bergman (2021) nos mostra que uma angústia ocasionada pela suposta ausência de criatividade pode, em casos extremos, originar um suicídio. Stig Bergman suicidou-se em 1954 face a longa crise de

criatividade e angústia pelo peso das expectativas em torno de seu talento. À época, foi considerado o “Camus sueco”. Esse não foi, tampouco é, um caso isolado na história da humanidade. Existem tantos outros, como Kurt Cobain, Santos Dumont e Getúlio Vargas, por exemplo. Winnicott adverte-nos que “na busca pelo self, a pessoa interessada pode ter produzido algo de valor em termos artísticos. Entretanto, um artista bem-sucedido pode ser universalmente aclamado e, ainda assim, não ter encontrado o *self* que procurava” (Winnicott, 2019, p. 75). Não é sem sentido a famosa defesa de Hemingway, que nos diz, em termos mais ou menos cambaleantes, que um escritor, como sujeito sensível, não sucumbe a sua própria sensibilidade e que, para encarar o horror da existência e continuar trabalhando, ele bebe.

Enquanto Lacan descreveu a nova construção de uma estrutura como o resultado do Gozo, Badiou localizou a origem da ordem na confiança e na segurança na consistência interna da estrutura. O efeito do sujeito está, portanto, localizado no nível da sua psique, e sua afinidade com a consistência é a própria origem do “simulacro” do um (a estrutura) como a estrutura superior (o um). A insuportável inexistência de um objeto último convoca o sujeito, em seu desejo, ao ato de criação: criar um objeto que nunca o satisfará. Ou, como aponta Nils Skare, há – no ensaio, tal como na psicanálise –, uma busca pela “verdade do desejo, desejo que torna o sujeito incompleto” (Skare, 2016, p. 11). Surge, assim, uma crise.

O tema do suicídio, por outro lado, não é novo na cultura. Um exemplo recente ocorreu em 2010, quando um estudante de Harvard deixou uma carta icônica sobre o suicídio: “*Experiments in Nihilism*”, um livro com quase 2 mil páginas escritas meticulosamente durante 5 anos. Há dúvidas e incongruências sobre o seu conteúdo, mas o fato é: o livro foi escrito. Alguns argumentam que Mitchell Heisman era psicologicamente perturbado. De modo concreto, Heisman argumenta, principalmente sob um viés de uma filosofia fisicalista e com inúmeras citações e análises acadêmicas, que decidiu pela morte ao invés da vida. Ora, tantas e tantas páginas foram gastas para convencer os outros ou, ao contrário, foram uma tentativa falha de autoconvencimento e o livro seria a prova de sua trajetória pela tentativa de justificar a morte ou o viver? Vale a pena notar a existência de inúmeros estudos sobre o papel da criatividade e respectivas crises. É possível que as pessoas e a sociedade se voltem para a criatividade em tempos de crise mais facilmente do que em outros momentos por que já cruzaram o limiar de crise? Winnicott indica que

volta e meia ocorre de um artista que pinta um quadro qualquer nos dar uma ideia de seu mundo interno na forma de entranhas. O resultado é horrível para a maioria das pessoas. Eles veem nacos e pedaços por toda parte, fazendo com que um açougue pareça um alívio. É admirável a coragem de um artista deste tipo, mesmo quando nos incomoda a sua fuga para a fantasia e para a anatomia (Winnicott, 1958 [1936], p. 94).

Que sentido tem a criatividade quando pessoas precisam sobreviver? Afinal, a pirâmide de Maslow destaca, em sua base, a sobrevivência. Assim, um trabalho sem prazer é questão de sobrevivência. Nesse sentido, Byung-Chul Han sustenta que o Ser Humano deve apropriar-se da sua liberdade– o tempo livre -, uma liberdade da força de trabalho que é não apenas uma força produtiva ou totalmente improdutivo, em razão de que o futuro da raça humana estará na capacidade de fazer uso do inutilizável (Han, 2020). “Ser físico é uma dureza, mas é muito melhor que trabalhar”, foram as palavras ditas por Aurelio Grillo para o seu amigo Giorgio Parisi (2022, p. 106). Parisi ganhou o prêmio Nobel de Física de 2021 por seu trabalho com sistemas complexos. Já Arthur Schopenhauer criticou os eruditos puros, aqueles dos pensamentos alheios, até porque existe, segundo o filósofo, um senso comum calcado numa “convicção desprezível de que ninguém se dedicaria seriamente a um assunto se não fosse impelido pela necessidade, pela fome ou por uma avidez semelhante” (Schopenhauer, 2016, p. 23).

Assim, o ato de

criar é trazer à existência algo que antes não existia. Pode ser uma conversa, a solução de um problema, um bilhete para um amigo, a reorganização da mobília da sala, um novo caminho para casa a fim de evitar o engarrafamento. O que você faz não precisa ser testemunhado, gravado, impresso, vendido ou emoldurado para ser uma obra de arte. Pelo corriqueiro estado de ser, já somos criadores de maneira mais profunda: criamos nossa experiência da realidade e concebemos o mundo que percebemos. [...] Não importa se estamos produzindo arte formal ou não; todos nós vivemos como artistas. Distinguimos, filtramos e coletamos dados, depois selecionamos uma experiência para nós e para os outros com base nesse conjunto de informações. Não importa que façamos isso de forma consciente ou inconsciente. Pelo mero fato de estarmos vivos já podemos nos considerar participantes ativos do processo contínuo de criação (Rubin, 2023, p. 14-15).

Logo, a criatividade deve ser entendida como um processo dinâmico, que vai além da produção estética e abrange práticas cotidianas significativas. O ato de criar pode ser visto como uma resposta ao vazio da vida moderna e uma forma de o sujeito escapar da insuportável realidade. Uma fantasia destinada a “insuportável inexistência do objeto último para o nosso desejo [que] convoca o

ato de criação” (Terêncio, 2023, p. 13). O viver tem, por essência, um ato criativo, conforme defendido por Winnicott e Rubin. O sujeito criativo se apresenta não apenas como um produtor de obras, mas como alguém em constante interação com diversas realidades. A criatividade é um impulso que surge do desejo de lidar com o vazio existencial, levando à produção de objetos que, apesar de nunca satisfazerem completamente, representam uma busca significativa por identidade e propósito. Assim, como destaca Rick Rubin, “a criatividade não é uma habilidade rara. Não é difícil acessá-la. A criatividade é um aspecto fundamental do ser humano. É um direito nosso de nascença. E é para todos nós” (Rubin, 2023. p. 14).

## CONCLUSÃO

Este capítulo, tal como a obra de um artista plástico ou uma composição musical, é uma tentativa de dar forma a uma Coisa, *Das Ding*. A criatividade é um elemento intrínseco à condição humana e todos, de alguma forma, participam desse processo de criação. A reflexão sobre a criatividade revela a necessidade de resgatar a alegria e a espontaneidade que muitas vezes se perdem na vida adulta, promovendo um convite à exploração do potencial criativo como uma resposta a crises individuais e coletivas. A luta pela autenticidade e pela expressão do eu é ressaltada como essencial para o bem-estar psicológico, onde a criatividade se torna um espaço para reencontrar a liberdade infantil e a conexão com o *self*.

A teoria de Winnicott é profundamente social em seus rumos, libertando a criatividade do aspecto meramente individual. A criatividade é, desde o início, intrínseca aos membros da comunidade humana. Na cultura contemporânea, o artista (ou uma pessoa comum) pode ser vista carregando e expressando os medos e fobias da comunidade (do outro) com segurança fora da comunidade. É o apreciar criativo da vida, nas palavras de Donald W. Winnicott, que “faz o indivíduo sentir que vale a pena viver” (Winnicott, 2019, p. 86).

O Sujeito criativo se apresenta não apenas como um produtor de obras, mas como alguém em constante interação com diversas realidades. Alguns, com o questionamento, se apresentam como desafios ao *status quo*. A criatividade é um impulso que surge do desejo de lidar com o vazio existencial, levando à produção de objetos que, apesar de nunca o preencherem completamente, representam uma busca significativa por identidade e propósito. Afinal de

contas, “não se brinca com a intuição, não se brinca com o escrever: a caça pode ferir mortalmente o caçador” (Lispector, 2010, p. 28).

## REFERÊNCIAS

AMABILE, T.

*The social psychology of creativity*. New York: Springer, 1983.

*Growing up creative : nurturing a lifetime of creativity*. Buffalo: The Creative Education Foundation Press: Martins Fontes, 2018.

BADIOU, A.

*Manifesto pela filosofia e segundo manifesto pela filosofia*. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.

*A metafísica da felicidade real*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

*Em busca do real perdido*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

*Theory of the Subject*. New York: Continuum. 2009.

*O século*. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

CSIKSZENTMIHALYI, M.

*Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention*. New York: Harper Collins e-books, 2007.

DAGERMAN, S.

*A política do impossível*. Belo horizonte: Ayiné, 2021.

GLĂVEANU, V. P.

*The palgrave handbook of creativity and culture research*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

GROYS, B.

*Introdução à antifilosofia*. São Paulo: Edipro, 2013.

FREUD, S.

Creative writers and day-dreaming. *S.E.*, 9: 1908, p. 143-143.

HAN, B.-C.

*A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.

*Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

*Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEISMAN, M.

*Suicide note*. 2010.

KING, S.

Sobre a escrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LACAN, J.

*O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1959-1960/1986).

LISPECTOR, C.

*Paixão segundo GH*. São Paulo: Rocco, 2024.

*Crônicas para jovens: de escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MARTTILA, T.

Alain Badiou, Theory of the Subject (New York: Continuum, 2009). *Foucault Studies*, p. 173-177, 2010.

NEVES-PEREIRA, M. S.; FLEITH, D. S.

*Teorias da criatividade*. Campinas: Alínea, 2020.

NIETZSCHE, F. W.

*Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PARISI, G.

*A maravilha dos sistemas complexos: uma jornada pelas descobertas da física contemporânea*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.

PROUST, M.

*Sobre a leitura seguido do depoimento de Célest Albaret a Sonia Nolasco-Ferreira*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

QUINET, A.

*A política do psicanalista: do divã para a pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divã, 2021

ROSSET, C.

*O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

*Le Réel*. Traité de l'idiotie. Collection Critique. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.

RUBIN, R.

*O ato criativo*. Tradução Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

SAFATLE, V.

*Alfabeto das colisões: filosofia prática em modo crônico*. São Paulo: Ubu, 2024.

SCHOPENHAUER, A.

*A arte de escrever*. Porto Alegre: L & PM, 2016.

SKARE, N. G.

*3 ensaios psicanalíticos*. Curitiba: L-Dopa, 2016.

STERNBERG, R.J.; LUBART, T. I.

Buy low and sell high: An investment approach to creativity. *Current Directions. Psychological Science*, 1 (1), p. 1-5, 1992.

TERÊNCIO, M. G.

A fantasia e “a condição humana”: a psicanálise em contato com a obra de René Magritte. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 26, p. e221164, 2023.

TORRANCE, E. P.

*The Torrance Tests of Creative Thinking Norms-Technical Manual Figural (streamlined) Forms A and B*. Bensenville: Scholastic Testing Service, 2008.

VALERIO, C.

*A matemática é política*. Belo horizonte: Ayiné, 2020.

VYGOTSKI, L. S.

*Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. São Paulo: Ática, 2009.

WINNICOTT, D.

*O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

*Home Is Where We Start From: Essays by a Psychoanalyst*. New York: Norton & Company, 1990.

*O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (Self)*. In: *O Brincar & a Realidade* Rio de Janeiro: Imago, [1975 (1971)], p. 79-93.

O apetite e os problemas emocionais. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. São Paulo: Ubu, 2021.

- 
- 1 Doutorando em Planejamento e Governança Pública (PPGGP/UTFPR). E-mail: daniel.kravicz@gmail.com.
  - 2 Doutora em Sociologia Económica e das Organizações pela Universidade de Lisboa. E-mail: bernadete@ipb.pt.
  - 3 Ver, nesse sentido, "Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos de Demerval Saviani" (2007) publicado na *Revista Brasileira de Educação*, 12(34), p. 152-180, e Bertrand Russel, *Sobre a educação* (2014); *Educação e ordem social* (2018), ambos da Editora Unesp.
  - 4 Pode, ainda, ser decomposto como *inter* e *legere*. Nota-se que se pode ter, assim, o ininteligente, o inteligente e o idiota: o ininteligente seria um pobre de experiência; o inteligente com experiência dentro de um sistema; e o Idiota aquele que supera o sistema e o observa de fora, aberto às experiências.



“Pensar a psicanálise em diálogo com a educação e a cultura é assumir um compromisso com uma leitura complexa da nossa contemporaneidade – que não se furta de acolher os efeitos de real que a acomete – e de analisar as formas como o inconsciente se inscreve e se expressa nas e pelas estruturas sociais. Essa não é qualquer tarefa. Tal articulação exige não só um aprofundamento da teoria psicanalítica, mas acima de tudo um olhar atento às dinâmicas de poder, opressão e resistência que atravessam os seres humanos. Nossas experiências subjetivas são, inevitavelmente, atravessadas por contextos coletivos. O percurso desta obra não é apenas um convite à reflexão teórica. É também uma oportunidade de pensar em práticas transformadoras que possam emergir da intersecção entre essas três dimensões.”

**Fernanda Samico**  
Psicanalista



contra o  
**VENTO**

 /contraoventoeditora  
 /contraoventoeditora



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br)

ISBN: 978-65-83604-62-0



9 786583 604620